

Bacha defende crescimento econômico

por Fernando Canzian
de São Paulo

O ex-presidente do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Edmar Bacha, afirmou ontem no VII Encontro Latino-Americano da Econometric Society que os países latino-americanos endividados, e particularmente o Brasil, precisam de um "árbitro para decidir os rumos a serem tomados pelas suas economias para o pagamento da dívida externa", e que esse árbitro "tem de ser o FMI".

Bacha, que concorda com as duas propostas defendidas pelo Brasil na última reunião do Grupo dos 24 países (asiáticos, latino-americanos e africanos) endividados de negociar com os países credores políticas fiscais mais restritivas desde que sejam

assegurados certos níveis de crescimento econômico e da política de reciprocidade, onde os credores continuariam a financiar os países em débito caso chegassem a um acordo; afirmou que o "árbitro da implementação de planos para a dívida só pode ser o FMI".

"Os dois candidatos a árbitro são o FMI e o Banco Mundial. O FMI, o passado condena, mas o Banco Mundial tem problemas para o futuro, pois tem papel importante como financiador do País nos próximos cinco anos."

Segundo o ex-presidente do IBGE, o FMI não pode apenas representar os credores, "mas estar sentado na cabeceira da mesa, entre credores e devedores, para evitar que a situação dos países endividados se

transforme num conflito internacional", disse, lembrando que nove países endividados já suspenderam total ou parcialmente o pagamento de seus créditos.

"O FMI e os credores devem entender que os países devedores não vão mais se submeter às disciplinas impostas no passado, pois a perspectiva de que retornariam ao mercado de capitais não se cumpriu", disse.

A não submissão aos credores, segundo Bacha, está calcada na "consciência de que não existirão mais empréstimos novos. Só existem ameaças e um risco menor de perda de linhas de financiamento de comércio exterior", que desde a suspensão dos pagamentos da dívida externa tiveram seus prazos bastante encurtados.

Edmar Bacha afirmou que a flexibilização de preços que o governo pretende adotar brevemente não deverá ser prejudicial ao País. "O processo hoje é melhor administrado. A flexibilização trará um pouco mais de inflação, mas o contexto é de racionalidade. Não veremos o desastre ocorrido no Cruzado 2, no ano passado", salientou.

O ex-presidente do IBGE afirmou que não "colocaria minhas apostas na hipótese de o governo promover uma recomposição salarial maior". Segundo ele, a política salarial precisa ser enfocada pelo lado da provisão de bens, e acredita que a flexibilização de preços pretendida pelo governo será adotada paralelamente a um pequeno aumento salarial.